

## "Toda mulher negra é um quilombo": protagonismo feminino na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo (Ceará - Brasil)

**Juliana Murta de Lima**

Universidade Federal do Ceará (UFC)

**Raimundo Nonato de Lima**

Universidade Federal do Ceará (UFC)

**James Ferreira Moura Júnior**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

**Camila Ricarte Dantas Carvalho**

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab)

### RESUMO

*Este artigo tem como objetivo analisar os processos de resistência elaborados a partir da ancestralidade, das lutas, e do cotidiano de mulheres negras da comunidade quilombola da Serra do Evaristo no estado do Ceará, Brasil. No aspecto metodológico, trata-se de um estudo qualitativo, mais especificamente um estudo de caso realizado por meio de um Pesquisa Ação Participante realizada na comunidade em questão. Foram utilizadas as lentes da Análise Crítica do Discurso como categoria analítica e o Feminismo Negro para a fundamentação teórica deste estudo. Os resultados apontam que a relação com o território e com a natureza são parte importante na elaboração de estratégias de resistência a diferentes tipos de opressão vivenciados por mulheres quilombolas. Além disso, demonstram que a oralidade é a base sólida necessária para a transmissão do cuidado e das práticas tradicionais de uma geração a outra.*

**Palavras-chave:** Análise Crítica do Discurso; Comunidade Quilombola; Mulheres Quilombolas; Pesquisa Ação-Participante; Resistência.

## "Every black woman is a quilombo": female protagonism in the Serra do Evaristo Quilombola Community (Ceará - Brazil)

### ABSTRACT

*This article discusses the processes of resistance drawn from the ancestry, struggles, and daily lives of black women from the quilombola community of Serra do Evaristo and their relationships with territory and nature. In the methodological aspect, this is a qualitative study, more specifically a case study carried out through a Participant Action Research carried out in the community in question. The lenses of Critical Discourse Analysis were used as an analytical category and Black Feminism was used for the theoretical foundation of this study. The results indicate that the relationship with the territory and nature are an important part in the development of resistance strategies to different types of oppression experienced by quilombola women. Furthermore, they demonstrate that orality is the solid basis necessary for the transmission of care and traditional practices from one generation to another.*

**Keywords:** Quilombola Women; Quilombola Community; Resistance; Participant Action Research; Critical Discourse Analysis.

## "Toda mujer negra es un quilombo": protagonismo femenino en la Comunidad Quilombola Serra do Evaristo (Ceará - Brasil)



## RESUMEN

*Este artículo analiza los procesos de resistencia a partir de la ascendencia, las luchas y la vida cotidiana de las mujeres negras de la comunidad quilombola de Serra do Evaristo y sus relaciones con el territorio y la naturaleza. En el aspecto metodológico se trata de un estudio cualitativo, más específicamente un estudio de caso realizado a través de una Investigación Acción Participante realizada en la comunidad en cuestión. Se utilizaron los lentes del Análisis Crítico del Discurso como categoría analítica y el Feminismo Negro como fundamento teórico de este estudio. Los resultados indican que la relación con el territorio y la naturaleza son parte importante en el desarrollo de estrategias de resistencia a diferentes tipos de opresión vividas por las mujeres quilombolas. Además, demuestran que la oralidad es la base sólida necesaria para la transmisión de cuidados y prácticas tradicionales de una generación a otra.*

**Palabras clave:** *Mujeres Quilombolas; Comunidad Quilombola; Resistencia; Investigación-Acción Participante; Análisis crítico del discurso.*

## INTRODUÇÃO

O Brasil conta com cerca de 1,3 milhão de quilombolas, sendo a maioria, cerca de 68%, nordestinos. Esse dado foi obtido em 2023 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (Brasil, 2022) quando, pela primeira vez na história, foi realizada, dentro do Censo Demográfico, uma pesquisa referente a comunidades quilombolas. Neste mesmo estudo destaca-se o fato de que apenas 12,6% da população quilombola reside em territórios oficialmente delimitados a medida que 87,4% estão fora de áreas formalmente delimitadas e reconhecidas. Em suma, o acesso à água, saúde, educação e a titularização de suas terras seguem sendo problemas diretos enfrentados por esses indivíduos.

Neste contexto, o existir das comunidades quilombolas em si já aponta para a necessidade que esse povo teve e tem de elaborar estratégias de resistência e sobrevivência diante da constante negação dos seus direitos. Pesquisadoras quilombolas como a Selma Dealdina (2021) destacam o papel da mulher quilombola nesse processo de luta pela justiça social por meio da ancestralidade, do cuidado com a natureza e com a comunidade e das práticas de resistência.

São as mulheres as responsáveis por guardar, cuidar e repassar os costumes e tradições. São elas que, em boa parte dos momentos, estão envolvidas nos processos de luta pelos direitos da comunidade sendo, assim, os maiores alvos do Estado (Dealdina, 2021). As mulheres ocupam muitos dos espaços de trabalho dentro da comunidade e têm sido dessa maneira historicamente: mulheres negras sempre tiveram seus corpos e suas forças de trabalho exploradas, fato ignorado pelo feminismo tradicional por muito tempo.

Diante disso, este estudo justifica-se pela necessidade de, a partir da vivência de mulheres quilombolas, analisar os processos de resistência para que, a partir deles, seja possível

fomentar a elaboração de políticas públicas que defendam os direitos das comunidades quilombolas. Além disso, a relação de afeto, cuidado e ancestralidade que esse povo tem com o território (Bispo dos Santos, 2023) é também estratégia de proteção à natureza. A geografia, como campo de conhecimento, fornece as ferramentas necessárias para entender as complexas interações entre as comunidades quilombolas e seus territórios. A análise



espacial e territorial é fundamental para compreender como as práticas de resistência se manifestam e se perpetuam em diferentes contextos geográficos. Este artigo contribui para o debate geográfico ao demonstrar a importância do território como espaço de resistência e ao destacar o protagonismo das mulheres quilombolas na manutenção e valorização dessas áreas. Assim, a geografia se torna não apenas uma ciência que estuda os espaços, mas um campo que reconhece e valoriza a luta e a resistência das comunidades tradicionais em prol de seus direitos e reconhecimento.

O objetivo deste estudo é analisar os processos de resistência elaborados a partir da ancestralidade, das lutas, e do cotidiano de mulheres negras da comunidade quilombola da Serra do Evaristo. Esta comunidade, localizada em Baturité - Ceará, possui seu território oficialmente reconhecido desde 2010 pela Fundação Cultural dos Palmares. Este estudo é resultado da pesquisa de mestrado do Programa de Psicologia da Universidade Federal do Ceará - UFC de uma das autoras. Sua metodologia é de cunho qualitativo, mais especificamente, trata-se de uma Pesquisa-Ação Participante.

Desse modo, em um primeiro momento serão apresentados os aspectos metodológicos. Em um segundo momento, discute-se o processo de análise dos dados e apresentam-se as participantes. Em seguida, apresentam-se os resultados e discussão do estudo a partir de trechos das entrevistas realizadas sob a ótica do Feminismo Negro e de estudos contracoloniais.

## **METODOLOGIA**

Este estudo situa-se dentro do espectro das pesquisas qualitativas. Abordagens qualitativas buscam compreender a perspectiva dos participantes da pesquisa sobre fenômenos que os atravessam e, principalmente, a expansão dos dados e informações acerca do problema de pesquisa (Sampiere et al., 2013). Ela está relacionada aos significados que as pessoas atribuem às suas experiências e ao mundo social. Tenta, portanto, interpretar os fenômenos sociais a partir dos sentidos que os sujeitos lhes dão (Pope & Mays, 2005).

Diante do exposto, para uma investigação qualitativa, é fundamental que haja abertura, flexibilidade e capacidade de observação e de interação entre o pesquisador e os atores sociais envolvidos (Minayo, 2014). Desse modo, apontando para uma perspectiva participativa de fazer pesquisa, este estudo se utilizou da pesquisa-ação, como metodologia qualitativa. A Pesquisa-Ação (PA) une a produção de conhecimento à transformação da realidade social: ao mesmo tempo que se deseja e busca compreender uma realidade, objetiva-se nela intervir. O problema da pesquisa deve ser também um problema social. Sendo assim, o propósito da Pesquisa-Ação é estabelecer mecanismos de intervenções para problemas sociais, ao mesmo tempo em que realiza intervenções (Selister-Gomes et al., 2019).

O levantamento das informações analisadas neste estudo ocorreu através de entrevistas narrativas autobiográficas com nove mulheres quilombolas da comunidade que se autodeclararam negras. Entrevista narrativa autobiográfica é uma ferramenta não estruturada que busca reconstruir a história e os entrelaçamentos sociais sob o ponto de vista do entrevistado onde a influência do entrevistador nas narrativas deve ser mínima. Ela



possibilita que a história, a memória, as lembranças, corporeidades a partir da subjetividade do entrevistado sejam revisitadas, sendo um “caminho para o entendimento da experiência” (Clandinin & Connelly, 2015, p. 26).

As entrevistas foram realizadas tendo como referência um roteiro semiestruturado, elaborado após uma conversa sobre o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE, que foi apresentado e esclarecidos os significados de cada um dos seus aspectos. Todos os diálogos ocorreram dentro da comunidade, mas em locais diferentes definidos pelas entrevistadas. Assim, foram quatro entrevistas na residência delas, duas no local de trabalho e três em um ambiente utilizado pelas lideranças para atividades no espaço do quilombo. O roteiro semiestruturado permite ao entrevistador seguir alguns pontos norteadores nos momentos iniciais da conversa, mas assegurando que elas pudessem responder de maneira fluida, livre e sem interferências.

Além da entrevista, também foram utilizados os Diários de Campo produzidos por uma das pesquisadoras. Este instrumento consiste na escrita dos aspectos de “interesse metodológico, vivencial e cultural, incluindo comentários indicadores de mudanças, obstáculos, receios, desconfiança, confiança e segurança” (Montero, 2006, p. 305). A escrita do diário teve como objetivo facilitar o registro das experiências vividas nos territórios além de, com ele, ter as sensações e compreensões dessas experiências sistematizadas a fim de contribuir com as análises a serem realizadas posteriormente.

Na prática, o estudo foi operacionalizado a partir de uma imersão na comunidade onde foram realizadas observações, entrevistas narrativas autobiográficas e a participação em momentos específicos da comunidade, a saber: a apresentação de um filme, atividades realizadas na escola da comunidade Osório Julião e a visita à Farmácia Viva, instalada na casa da Mestre da Cultura - mulher, negra, símbolo de resistência e uma das lideranças da comunidade.

Sobre os aspectos operacionais, os critérios de inclusão para participação na pesquisa foram: ser mulher, maior de 18 anos, autodeclarada negra e pertencente à comunidade quilombola Serra do Evaristo. A respeito da quantidade de participantes deste estudo, foi utilizada a saturação teórica como critério de definição. Definida como momento da pesquisa em que nos dados qualitativos reunidos já não surjam elementos novos e que todas as perguntas e conceitos estejam bem desenvolvidos, a saturação teórica é o instante da pesquisa em que não surgem novas informações, categorias ou temas, podendo encerrar a fase de coleta de dados. Assim, “fechamento amostral por saturação teórica corresponde à suspensão da inclusão de participantes quando os dados passam a apresentar, na avaliação do pesquisador, certa redundância ou repetição” (Ribeiro et al., 2018, p. 4). O ponto de saturação teórica deste estudo ocorreu após nove entrevistas.



## Quadro 1

*Nomes fictícios das entrevistadas e suas respectivas idades*

<b>Nome</b>	<b>Idade</b>
Nazaré	Não respondeu
Mandira	45 anos
Estrela	21 anos
Maria Rosa	35 anos
Dandara dos Palmares	58 anos
Conceição	Não respondeu
Cristininha	28 anos
Vó Rita	38 anos

**Fonte:** Tabela elaborada pelos autores com os nomes fictícios das participantes da pesquisa e suas respectivas idades.

### **Análise de Dados**

A análise dos sentidos deste estudo foi realizada sob a óptica da Análise Crítica do Discurso. A ACD é um tipo de investigação analítico-discursiva que estuda o modo como o abuso de poder, a dominação e as desigualdades são representadas, disseminadas, legitimadas e reproduzidas por meio de textos orais e escritos no contexto sociopolítico (Van Dijk, 2008). Os principais fundamentos da ACD, de acordo com Fairclough e Wodak (1997) são: a ACD deve abordar problemas sociais; relações de poder são discursivas; o discurso constitui a sociedade e a cultura, é histórico, ideológico e uma prática social; a ACD é interpretativa e explanatória e a relação entre texto e discurso é mediada.

No que diz respeito ao processo de análise das entrevistas, este estudo está ancorado na estrutura analítica de Fairclough e Melo (2012) em “Análise crítica do discurso como método em pesquisa social científica”. No trabalho supracitado, os autores propõem uma estrutura para guiar a elaboração de uma Análise Crítica do Discurso que serviu de referência para construção do percurso deste estudo. A fim de facilitar o processo de leitura e compreensão dos achados desta pesquisa será apresentado a seguir o caminho trilhado: o primeiro passo foi dar ênfase a um problema social e a identificação dos obstáculos para que esse problema seja resolvido, pela análise da rede de práticas na qual está inserido - a comunidade quilombola; foram observadas as relações entre a produção de significados presentes nos discursos com outros elementos dentro das práticas particulares da comunidade e/ou de atividades atribuídas a mulheres e do discurso em si. Por fim, foram identificadas as



maneiras possíveis para superar os obstáculos, momento no qual foi realizado o processo de reflexão crítica.

As entrevistas realizadas foram transcritas na íntegra e, a partir da leitura delas e com base nos objetivos deste estudo foram elaboradas categorias analíticas para nortear o processo de análise crítica da produção de sentidos e dos discursos das mulheres. Para isso, foi utilizado o software de análise qualitativa Atlas ti (versão 8).

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo pretendeu analisar os processos de resistência elaborados a partir da ancestralidade, das lutas e do cotidiano de mulheres negras da comunidade quilombola da Serra do Evaristo no estado do Ceará, Brasil. Desse modo, foi necessário de antemão compreender a

que se referem os “processos de resistência” citados por essas mulheres. Nêgo Bispo (2023) entende a resistência não apenas como uma oposição direta aos sistemas opressivos, mas abrange também a preservação e a valorização das culturas, tradições e modos de vida das comunidades tradicionais. Trata-se de um ato de afirmação e construção de autonomia.

Os processos de resistência citados pelas mulheres são atravessados por diversos eixos de opressão: ao racismo, ao sexismo, à constante negação dos seus direitos, às invasões aos seus territórios, aos ataques a natureza (Dealdina, 2021). Mulheres quilombolas precisam suportar grandes dificuldades tais como as diferentes barreiras colocadas entre essas mulheres e o acesso ao Sistema Único de Saúde (SUS) por meio de qualquer um dos seus equipamentos (Oliveira, 2024). O corpo de uma mulher quilombola é um corpo que reage e resiste a ataques e na comunidade da Serra do Evaristo ficou evidente que o resistir do corpo da mulher quilombola é parte essencial no resistir da comunidade de modo geral.

**Diário de Campo/Comunicação Pessoal Out/2023:** *Cheguei na comunidade. Fui recebida pelo abraço casa da mãe do Ítalo, meu amigo que me recebeu na comunidade. Lembrei imediatamente da minha mãe. Mainha quando eu recebia amigos tratava de garantir as pizzas do jantar e a bicama para que minhas coleguinhas de escola pudessem dormir. Essa pesquisa tem muitos significados para mim, mas um deles com certeza é descobrir quais são os caminhos da resistência.*

O primeiro resultado deste estudo e, talvez um dos mais fortes, é que os caminhos da resistência, do cuidado com o outro, com o território e com a natureza e do fortalecimento da ancestralidade foram abertos por mulheres. Nego Bispo, ao apontar “eu vou falar de nós ganhando porque perdendo eles já falam” conversa com os resultados deste estudo: desde a escrita do diário de campo (que contou apenas com dados referentes aos processos de resistência das mulheres entrevistadas e da comunidade em si) a todas as conversas e momentos vivenciados pelos pesquisadores na comunidade ecoou o questionamento sobre porque o quantitativo de dados referentes aos processos de resistência elaborados a partir da ancestralidade, das lutas e do cotidiano de mulheres negras da comunidade quilombola da Serra do Evaristo ainda não é suficientemente difundido.

**Diário de Campo/Comunicação Pessoal Out/2023:** *Tem uma parede tão linda na comunidade!*

*Quando a vi, emocionei-me porque pensei que poderiam existir tantas histórias! Primeiro cogitei perguntar a alguma das lideranças, depois percebi que talvez, ainda que tenha uma história específica, meu inconsciente queria mesmo era atribuir um significado por dia para aquela imagem, mas todos os significados iriam apontar para os processos de resistência. No final do dia, realmente não perguntei nada sobre a imagem.*

**Figura 1**



*Pintura em uma parede da comunidade*

**Fonte:** A imagem mostra a pintura de uma mulher negra carregando uma bacia de bananas na cabeça, presente na parede de uma das casas do quilombo. Registro pessoal da pesquisadora.

Durante o processo de categorização das entrevistas ficou evidente que, para as interlocutoras, é difícil, talvez impossível, falar sobre luta quilombola e racismo relacionado ao quilombo sem falar de resistência - em muitos momentos no processo de análise dos discursos essas três categorias apareciam simultaneamente em uma única fala:

**Dandara dos Palmares:** (...) *é que só que a gente sofria muito. Para hoje, ver quem nós somos, né? Porque não, não foi brincadeira a gente enfrentar naquele tempo aqui as dificuldades da nossa comunidade, que era uma comunidade desprezada, né? Nós não tinha estrada. A nossa estrada era carroçal, mas muito ruim. Quando adoecia uma pessoa precisava levar na rede. Quando morria, uma pessoa era na rede, quando uma mulher ia ganhar neném que não dava certo aqui porque a gente aqui tinha uma parteira, tinha uma parteira aqui muito boa, aliás 2, muito boa, e as mães aquele tempo elas tinham os filhos delas tudo aqui em casa. Minha mãe teve tudo em casa, né? Minhas irmã também, eu não, eu já fui para a maternidade e aí a luta era grande. No inverno, minha filha de Deus! No inverno era ruim até para os animais e a gente lutou por essa, por este calçamento... Por esse calçamento, mas foi uma luta muito séria com a gente, né? Outras conquistas que a gente tem aqui tudo foram na base da luta, não foi vindo de graça não, né? E tudo era a gente que ia lá. A gente se acampava. Tem um tempo aqui de muita, de que as pessoas ... tinham muita gente passando necessidade. A gente ia a Fortaleza, quantas noites nós não dormia lá no cambeba, na secretaria de agricultura em Fortaleza, em busca de trabalho para o povo aqui. Ah, meu Deus do céu, quantas caminhadas nós não demos, né? E a gente foi mesmo a luta mesmo, viu? E foi quando ... só continuando a minha história, foi quando a nossa comunidade foi reconhecida, né? Como Quilombo que a gente foi ver mesmo que a gente era quilombola. Era um território que já tinha vindo pessoas daqui já com 300 anos.*

Nesta fala de Dandara, a relação entre a comunidade e seu território, e a natureza, fica evidenciada. O território é, acima de tudo, um lugar de memória, de afeto, de construção e



de manutenção das práticas tradicionais (Lacerda, 2020). Esse significado do território para a comunidade aponta para a fala de uma das entrevistadas que ressalta que:

**Conceição:** *Para mim, viver em comunidade é estar sempre em conexão. Né, ver a necessidade do outro.*

Este viver em comunidade é atravessado pela prática da oralidade - outra estratégia de resistência adotada pelas mulheres quilombolas para manutenção da identidade étnico-cultural e como prática de cuidado. Além de ser uma atividade de produção, circulação e recepção de linguagem, a oralidade tem funções sociais distintas como a comunicação de conhecimentos tradicionais referentes às ações comuns do dia a dia da comunidade, a preservação de práticas culturais, sendo também fundamental no processo de construção e preservação da memória social e histórica da comunidade (Costa e Fonseca, 2019). Ademais, na cosmovisão africana, autores como Bâ (1982), e Costa e Fonseca (2019) apontam que a oralidade é uma maneira de “ver, ouvir, cheirar, saborear e tocar a própria fala” (Bâ, 1982, p. 170). Desse modo, a oralidade é, sozinha, uma estratégia de resistência, cuidado e proteção à memória transformadora para mulheres negras quilombolas.

Ainda sobre a oralidade e como ela atua nos quilombos, Bispo dos Santos (2023) aponta que foi por meio dela que os mais velhos o orientaram a ouvir e compreender “os cantos dos pássaros e os chiados das matas” (p.10). O autor destaca que a relação da comunidade com a natureza é parte fundamental no processo de resistência. Além disso, aponta para a necessidade que a comunidade quilombola tem de respeitar aquilo que a terra diz, aquilo que a terra pede, fato evidenciado na fala de uma das mulheres entrevistadas.

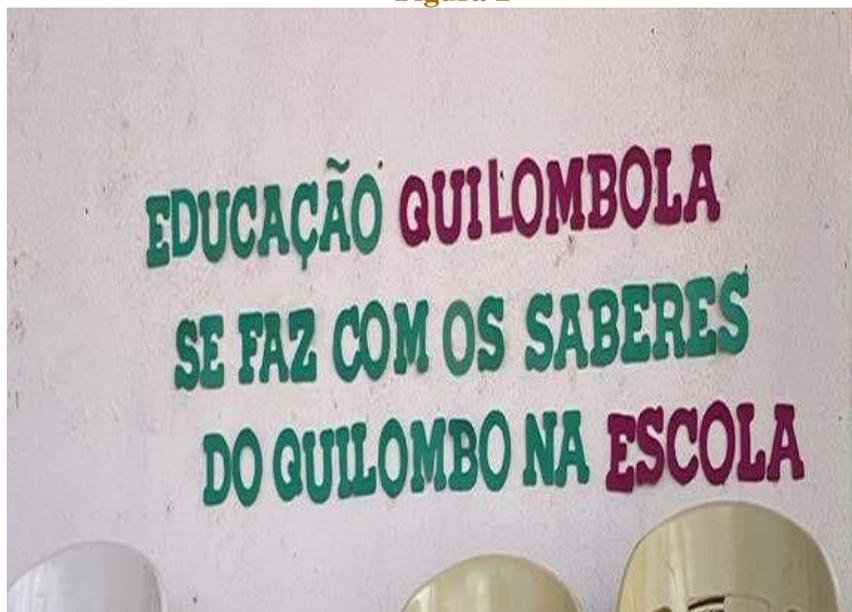
**Dandara dos Palmares:** *É isso que a gente vê, que está errado, porque nós moramos no topo da Serra e no inverno, né? A gente vê às vezes a agressividade. A revolta da natureza, exatamente por conta desse desmatamento aí aqui, sempre nas nossas celebrações nós colocamos isso, colocamos que temos que cuidar, que temos que plantar para proteger.*

Essa visão demonstra a relação entre ser humano e natureza (Gudynas, 2019) a medida que compreende a natureza como parte do ser quilombola desde as celebrações, a necessidade de proteção e cuidado ao entendimento de que tudo que o ser humano faz reverbera no território, na natureza. Neste mesmo sentido, Elionice Conceição Sacramento (2022), mulher, negra e quilombola, também defende o papel da natureza no seu processo de subjetivação, na sua existência ao apresentar-se como uma mulher das águas e da lama, pescadora por tradição, profissão e decisão política. Além disso, Sacramento (2022) destaca o papel central das mulheres negras quilombolas na sustentação e liderança de suas comunidades como guardiãs dos saberes tradicionais, da cultura e das práticas sustentáveis de manejo do território.

Soares (2021) defende que, dentre as principais estratégias de resistência e cuidado com os territórios quilombolas elaboradas pelas mulheres, estão: fortalecimento da coletividade, da ancestralidade, o cuidado com a memória do povo, o retorno frequente à sua história de modo a evitar repetições, além de práticas contracoloniais e contracapitalistas.

No que diz respeito ao cuidado com a memória do povo e o retorno frequente à história como modo de evitar repetições, destaca-se a escola da comunidade: a Osório Julião. A entrevista com Mandira (45 anos) foi realizada dentro da escola. Além disso, alguns registros fotográficos do interior da escola serão utilizados agora para falar sobre a memória do povo e o retorno à história como estratégias de resistência:

**Figura 2**



*Pintura em uma parede da escola Osório Julião*

A imagem mostra uma frase presente em uma das paredes da escola Osório Julião, com as palavras: “Educação quilombola se faz com os saberes do quilombo na escola”.

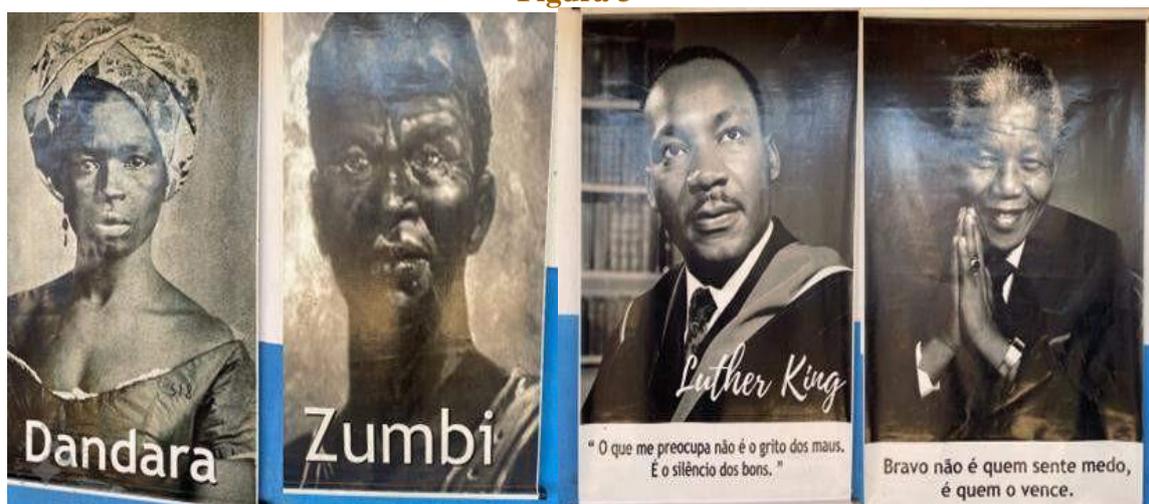
**Fonte:** Registro pessoal da pesquisadora.

Na contramão do ensino colonial, colada na parede logo diante da entrada da escola, a frase “Educação Quilombola se faz com os saberes do quilombo na escola” indica que aquele é um espaço de resistência, tradição e cuidado. Dito de outra maneira, ter, na comunidade, uma escola quilombola é estratégia de resistência fundamental, simbólica e fruto daquilo que Abdias Nascimento nomeou de Quilombismo. Nessa perspectiva, durante o governo da única presidenta mulher da história do Brasil, Dilma Rousseff, foram criadas, a partir da luta do Movimento Negro Unificado (MNU), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola no ano de 2012. Estas diretrizes determinam que a Educação Escolar Quilombola seja desenvolvida em escolas inseridas no próprio território, baseada na cultura de seus ancestrais, com uma pedagogia própria e de acordo com a especificidade étnico-cultural de cada comunidade, reconhecendo-a e valorizando-a (Brasil, 2013). Essa é uma maneira de garantir um espaço seguro para o desenvolvimento e produção de subjetividades sem o uso da violência nos espaços de educação.

Fortalecendo a ideia da escola quilombola como estratégia de resistência, nas outras paredes do pátio da Osório Julião, fotos de diferentes referências negras marcam presença naquele território que evidencia seu compromisso com a história e a memória do povo quilombola.



Figura 3



Posters pendurados na parede da escola Osório Julião em alusão a personalidades negras  
Nota. Posters que resgatam a memória de Dandara dos Palmares, Zumbi dos Palmares, Martin Luther King e Nelson Mandela, na parede da escola. Fonte: Registro pessoal da pesquisadora.

Ressalte-se que este lugar da memória como estratégia de resistência foi identificado no discurso de uma das interlocutoras:

**Dandara dos Palmares:** (...) eu era uma menina que sempre fui da luta, da vivência comunitária (...) trabalhando sempre a cultura, né? A gente não pode perder porque somos uma comunidade tradicional, com suas culturas, com as nossas religiosidades, né? Com... sempre preservando, preservando a memória dos nossos ancestrais. A história que a gente iniciou desde criança que antes tinha o nosso povo mais velhos, nossos ancestrais que sofreram muito, que eles nem sabiam, né? Mas hoje não estão mais no nosso meio, mas a gente preserva a memória deles, traz por meio da comunidade mesmo. é durante o ano. A gente trabalha sempre. Encontro com é dando atenção. Nossos guardiões da memória, que ainda estão vivos. Eu porque eles construíram a história, né, e deixaram para nós (...) Se não fosse assim, seria uma comunidade que não tem história, que não tem cultura, que não tem tradição. Seria uma comunidade morta.

Além disso, a própria existência da escola Osório Julião é fruto do processo de resistência segundo a interlocutora Dandara:

**Dandara dos Palmares:** Foi muita luta, minha filha para nós, para a gente resistir isso aqui, viu? Mas nós não saíamos, não é tão resistente de um jeito, menino (...) aí foi assim que a gente conseguiu, conseguiu aquela escola ... é porque na, é com a nossa luta.

A coletividade, prática de resistência apontada por Soares (2021) foi evidenciada no discurso de Dandara. A interlocutora relatou diversas experiências de luta nas quais a coletividade foi fundamental para o processo de conquista dos direitos do povo da comunidade:

**Dandara dos Palmares:** Então, nesse tempo a gente foi edificando mais ainda a nossa ... a nossa luta, né? A nossa resistência de comunidade, porque nós não sabia que toda aquela resistência, toda aquela luta que a gente tinha, a gente já, a gente era essa comunidade que a gente é hoje. Quilombolas, né? Nós não sabíamos, né? Porque antes os nossos pais sofreram muito. Nossos ancestrais sofreram muito, muito, né? Mas nunca se libertaram. Quem já foi se libertar foi nós, né? Mas, por conta do que surgiu nas comunidades eclesiais de base, era uns ajudando os outros. Organizados, a gente se organizava, e tudo isso foi mudando, foi mudando o nosso meio de vida da comunidade, né? Então quando foi em oitenta e oito, eu me casei aí, mas aí eu continuei na vida comunitária, nunca saí, né? Nunca saí não. Ganhei 3 filhos, mas nunca me afastei da comunidade. Quando foi em noventa e



*quatro, eu comecei já a participar da luta política, sempre fui uma mulher da política, né?*

Outra prática não só de resistência, mas de autocuidado, trazida pelas mulheres da comunidade foi a Dança de São Gonçalo. Silva e Souza (2021) referem que a dança é uma manifestação cultural de resistência, cuidado e luta quilombola pela garantia da terra e do território, o acesso à saúde e à educação. A celebração conta com cânticos e danças que juntas configuram um ritual tradicional sagrado à comunidade. Sobre a dança:

**Vó Rita:** (...) *os nossos aqui dança é tanto que as nossas celebrações, elas são muito, são muito animadas, né? porque os nossos cânticos são muito alegres, né? A gente tem uma programação, uma celebração toda voltada pra alegria mesmo né? Pra espiritualidade, mas também pra alegria, os nossos cânticos todo mundo se balança, todo mundo se balança, quase ninguém fica parado. Só quem de fato não quer dançar mesmo. Mas é o povo que dança porque gosta muito, né?*

**Maria Rosa:** *Há uma outra coisa que eu vejo na nossa comunidade, né? Enquanto enquanto resistência também são esses grupos que ainda são ativos, né? Tenho aqui a dança de São Gonçalo, que é um grupo de mulheres que faz essa apresentação, né? E esse grupo de mulheres já aprendeu dos seus pais, dos seus avós, então são tradições que vai, que está passando, né? De geração em geração, a gente tem também um grupo de jovens que, de vez em quando, né, tem uma quedazinha. O jovem não quer participar, mas aí os outros que tomaram de frente vai visitar aquele jovem vai empolgando aquele jovem a participar. Existe essa dinâmica e a gente tem também um grupo, tem uma associação e tem um grupo muito bom, um grupo muito bom de associados que ainda a gente consegue se reunir uma vez por mês. Né? Na, aqui, no nosso salão. Salão próprio da associação e a gente consegue discutir nesse meio problemas da nossa comunidade, né? Hoje a nossa comunidade participa também de eventos, né? Em Baturité, né?*

**Santana:** *A Dança São Gonçalo! A minha mãe, a minha mãe aprendeu com ela, minha vó. A minha mãe ficou, aprendeu e ficou dançando. Aí minha avó parou, o teve que parar minha avó porque também ficou velhinha, né? A minha mãe continuou e depois de um tempo veio pra mim, aí eu comecei a dançar depois.*

A Dança de São Gonçalo foi citada por quase todas as interlocutoras. Santana e Maria Rosa destacam o aspecto da dança de ser uma atividade tradicional passada de geração a geração. Ela configura estratégia de cuidado, de resistência e de luta quilombola. Outra atividade tradicional com aspecto curativo, protetor e que surgiu como estratégia de resistência diretamente relacionada à natureza foi o cultivo da Farmácia Viva.

**Vó Rita:** (...) *a farmácia viva não é existente aqui já há 24 anos, né? Foi formado por um grupo de mulheres, com parceiros, amigo da gente, não é? E que a gente iniciou com o bioenergético, que era um trabalho feito através da energia. Não é só que devido seu trabalho feito através de energia né, física e psíquica também né. O trabalho em si, através desse, desse... desse tratamento que era feito com uma varinha de metal que identificava cada parte do corpo da pessoa que estava doente. É como ele dependia de muita energia, algumas mulheres adoeceram e a gente parou, parou com esse método. Mas o tratamento à base de remédios de chás continua até hoje, né? E eu já participei da formação de alguns cursos, né? Para me capacitar através dessa área. E que ficou um legado muito bom. Hoje em dia, o meu trabalho na farmácia alternativa é mais como... divulgação, né? Eu sei do trabalho das meninas, mas a minha parte é mais na parte de divulgar os remédios, né? O que que temos para que serve, né? E o meu trabalho é mais esse e graças a Deus, é um trabalho muito aceito na comunidade, nas comunidades vizinha e na praticamente no Brasil inteiro, porque tem pessoas que pedem, né de longe que pede os remédios e assim eu me sinto muito feliz de participar desse grupo. A gente tem um horto aqui. Aquele quintal da associação do ponto de cultura tem o hortozinho lá e. Sou muito feliz.*

A Farmácia Viva, ou Farmácia Comunitária como também é chamada, é comandada por uma das lideranças locais e Mestre da Cultura. Todos os produtos da farmácia



são produzidos por mulheres e a partir de ingredientes encontrados no bioma da comunidade. A farmácia funciona na comunidade há anos, é parte da prática tradicional e já curou diversos tipos de adoecimentos sendo, portanto, estratégia não só de resistência, mas de cuidado entre os membros da comunidade. Sobre a farmácia, Dandara dos Palmares relata:

**Dandara dos Palmares:** *Eu também, ainda junto com um grupo, uma coordenação e ainda há experiência com os remédios Caseiros, né? que na época que eu era criança, minha mãe, outras mães já cuidava dos filhos com os remédios Caseiros, e confesso que naquele tempo. Foram muitas curas através das ervas, né? Eu junto com o meu grupo. Né? Um grupo de 5, nós somos 5 pessoas, estamos. Valorizando, preservando essa cultura, né? É tanto que aí ao redor tem as plantinhas que eu preservo ela demais e zelo, né? Temos o canteiro lá embaixo, temos o espaço da saúde alternativa lá. Não sei se você já passou lá. É logo na sua chegada, lá ali, quando vocês chegaram, nós temos uma, entendeu? é eu sou uma dá ... eu sou a coordenadora do grupo, porque. Eu fui, eu saí mas, saí mais em 1996 a gente começou esse grupo aqui, né? Na Na, na época eram as senhoras, tudo. Da minha idade mais velho que eu. Mas elas não continuaram e eu fiquei e eu fiquei aí já... Já tá hoje no grupo as pessoas mais novas, né? Que que estão no, no, nesse grupo, dizer que Ela é uma pastoral existente na comunidade, que já tem curado muita gente. Muita gente já tem se curado através do chá, do xarope e de outras, de outras, é uma espécie de garrafas, de garrafadas que a gente faz aqui, viu? Então, é, é uma cultura viva, graças a Deus.*

Dandara destacou que a farmácia produz pomada para dores musculares, varizes, dentre outros males. Durante a entrevista, a interlocutora mostrou a farmácia, apresentou suas plantas e contou que a pomada por ela citada era feita a partir da mistura entre aroeira, cânfora e parafina. À medida que ia contando sobre a farmácia ela ressaltou que foram aqueles remédios que curavam os casos da COVID-19 da comunidade: “minha filha, na covid quase acabam minhas plantinhas, mas não perdemos ninguém. Só um que precisou descer pra rede” (*sic*).

A tarefa de realizar uma Análise Crítica do Discurso a partir das etapas trilhadas por Fairclough e Melo (2012) iniciou dando ênfase a necessidade de elaboração de práticas de resistência diante das dificuldades vividas por mulheres quilombolas como questão social central, em seguida, foram identificadas, pela análise da rede de práticas na qual está inserido – a comunidade quilombola – alguns dos obstáculos para que esse problema seja resolvido, tais como o fato de serem marcadores de opressão estruturais da nossa sociedade e fortalecidos pelo colonialismo. No momento posterior, foram abordadas as relações entre a produção de significados presentes nos discursos com outros elementos dentro das práticas particulares da comunidade e/ou de atividades atribuídas a mulheres, através da análise do discurso das entrevistas transcritas. O processo de identificação das diferentes formas possíveis de superação desses obstáculos foi iniciado já no começo da discussão deste estudo, quando foram identificadas as estratégias de resistência adotadas pelas mulheres diante dos marcadores de opressão. Agora, para concluir o processo de análise, será realizada uma reflexão crítica sobre o conteúdo tratado para que se possa pensar em caminhos futuros de cuidado e proteção a esse povo que vem sendo, há séculos, violentado.

Construir soluções para dismantelar o racismo e o sexismo direcionado a mulheres negras quilombolas precisa, necessariamente, passar pela busca de estratégias de mudança na estrutura do país. É preciso defender a criação e manutenção de políticas públicas que



deslegitimam a violência de Estado realizada diariamente contra a população, negra, quilombola, contra mulheres e contra mulheres negras quilombolas (entendendo as especificidades que estas carregam). Desse modo, é imperativo nos colocarmos na direção de estratégias que tenham o poder de movimentar, ainda que aos poucos, a estrutura marcada pelo autoritarismo/racismo/sexismo brasileiro.

Questões estruturais precisam de soluções que tenham o poder de realizar intervenções nos processos de produção de subjetividades, nos processos de ensino e aprendizagem do povo, ou seja, questões estruturais exigem medidas que tenham como ponto de partida a educação, adotada desde a base e em todas as fases do ensino, que atue como uma prática de liberdade (hooks, 2017). Para isso, em um país em que a situação de atividade e condição de estudo dos jovens está fortemente ligada ao gênero e a raça (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística Brasil, 2022), é preciso pensar na elaboração de ações afirmativas de incentivo a educação e de permanência nas instituições de ensino a fim de diminuir os índices de desigualdade racial e de gênero.

Antes de abordar especificamente as propostas referentes à educação, é relevante apontar para os dados da última Síntese de Indicadores Sociais (Brasil, 2022) onde, dos cerca de 10,9 milhões de jovens de 15 a 29 anos que não estudavam e não estavam ocupados no Brasil, as mulheres de cor ou raça preta ou parda representavam 4,7 milhões (43,3%), enquanto as brancas formavam menos da metade, 2,2 milhões (20,1%), totalizando 6,9 milhões de mulheres ou 63,4 % dos jovens que não estudam e que não estão ocupados. Os 3,9 milhões de jovens restantes nessa situação eram compostos por 2,7 milhões de homens pretos ou pardos (24,3%) e por 1,2 milhão de homens brancos (11,4%). Se mulheres negras não têm acesso e condições mínimas para permanência na educação, não conseguem chegar ao mercado de trabalho, tampouco em universidades ou espaços de poder de decisões políticas. Além das questões óbvias de desigualdade, neste modelo, as leis, políticas e decisões relevantes ao Estado estão sempre nas mãos de homens brancos que, certamente, não estão interessados em abrir mão dos privilégios da branquitude (Bento, 2022).

Voltando a propostas de mudanças na educação, parte-se, junto de Gomes (2017) na obra “O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação”, do entendimento de que se faz necessário ter no ensino escolar brasileiro a produção e reprodução de saberes emancipatórios sobre a questão racial do Brasil e sobre como este país foi formado a partir de invasões, roubos e etnocídios. É preciso pensar em uma educação contextualizada, que transmita para as crianças e adolescentes a história do país como ela realmente é e suas consequências para a atualidade, descolonizando os currículos.

Neste sentido, existem dois instrumentos legais, a Lei nº 10.639 (2003) e a Lei nº 11.645 (2008), que instituíram a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileira e indígena, e o estudo das relações étnico-raciais no Brasil, entretanto, o modo como essas leis são colocadas em prática ainda consiste numa leitura baseada na colonialidade. Diante dessa situação, Oliveira e Brindeiro (2019) afirmam que, para que as leis sejam efetivamente obedecidas, é preciso que os docentes recebam a formação necessária e que os livros didáticos sejam reformulados, o que ainda não aconteceu.

Ainda sobre a educação, é preciso que o Estado invista corretamente na construção e



manutenção de Escolas Quilombolas, a exemplo da Osório Julião, pois, como evidenciado nos discursos das mulheres, estas escolas são espaços potentes de resistência, de manutenção da memória e de cuidado com a cultura e com a história quilombola. Além disso, é a partir da educação que torna-se possível pensar em trabalho, geração de renda e transformação para a juventude. Sem isso, não existem recursos para financiar suas lutas, para manter condições às famílias em seus territórios em soberania alimentar e sem necessitar migrar para outros espaços (Ferreira, 2021).

No que diz respeito às especificidades de mulheres quilombolas, de acordo com a 2ª Edição do Relatório “Racismo e violência contra quilombos no Brasil” (Terra de Direitos & Conaq, 2023), são condições preliminares para o cuidado e a retirada dessas mulheres de espaços de violência e subalternidade: a elaboração e manutenção de medidas governamentais que garantam a proteção de mulheres quilombolas, tais como a fiscalização do cumprimento das leis que protegem a mulher e a aproximação dos equipamentos de cuidado e proteção dos territórios. Dito de outra maneira, se cabe à Defensoria Pública estar à disposição do povo, não é justo que parte da população precise se deslocar por estradas de terra, de madrugada, para tentar acessar o equipamento e, por vezes, não conseguir.

Além disso, são necessárias e urgentes a criação de medidas efetivas de combate a crimes violentos cometidos contra quilombolas e que sejam realizadas medidas de prevenção por meio de proteção e fiscalização dos territórios quilombolas. É preciso garantir o direito ao território! É preciso garantir continuidade e celeridade na titulação desses territórios (Terra de Direitos & Conaq, 2023).

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste estudo, analisamos os processos de resistência desenvolvidos pelas mulheres negras da comunidade quilombola da Serra do Evaristo, no Ceará, Brasil, através da ancestralidade e das práticas cotidianas. A metodologia qualitativa, baseada na Pesquisa-Ação Participante e na Análise Crítica do Discurso, permitiu compreender como essas mulheres utilizam a relação com o território, a natureza e a oralidade como estratégias essenciais de resistência contra diversas formas de opressão. Os resultados demonstram que a resistência na comunidade quilombola não se limita a uma oposição direta às opressões, mas inclui a preservação e valorização das tradições culturais e modos de vida. A oralidade emerge como um pilar fundamental, garantindo a transmissão de conhecimentos e práticas tradicionais de geração em geração, enquanto a relação com a terra reforça a identidade coletiva e o cuidado com o meio ambiente.

A análise revelou que as mulheres quilombolas são protagonistas na construção e manutenção dessas estratégias, atuando como guardiãs das tradições e lideranças na luta por direitos e reconhecimento. A escola quilombola Osório Julião e a Farmácia Viva são exemplos concretos de como a comunidade articula educação e práticas tradicionais para promover resistência e autonomia. No âmbito da geografia, este estudo contribui para o debate sobre a importância do território como espaço de resistência e construção de identidades. A vivência das mulheres quilombolas de Serra do Evaristo mostra como o território é não apenas um local físico, mas um espaço de memória, cultura e resistência,



essencial para a manutenção e fortalecimento das comunidades tradicionais. Os desdobramentos futuros desta pesquisa apontam para a necessidade de políticas públicas que apoiem e fortaleçam as comunidades quilombolas, assegurando acesso a direitos básicos como saúde, educação e titulação de terras.

Por fim, destaca-se a importância de continuar investigando as práticas de resistência das mulheres quilombolas, ampliando o diálogo com a geografia e outras áreas do conhecimento, para construir uma sociedade mais justa e equitativa. Por fim, este estudo reafirma a potencialidade do diálogo entre a geografia e os estudos de gênero, raça e território, mostrando como a interseccionalidade é fundamental para compreender e transformar as realidades das comunidades quilombolas no Brasil. As mulheres da Serra do Evaristo nos ensinam que a resistência é multifacetada e que a luta por justiça social deve ser contínua e coletiva.

## REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, C. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial, 2019.

BÂ, A. H. A tradição viva. In: KI-ZERBO, J. (Org.). **História geral da África, I: Metodologia e pré-história da África**. 2. ed. UNESCO, 1982.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. In: BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretoria de Currículos e Educação Integral. Brasília: MEC, SEB, DICEI, 2013. p. 496-513.

BRASIL. IBGE. **Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2022**. Coordenação de População e Indicadores Sociais. Rio de Janeiro, 2022.

BENTO, C. **O pacto da branquitude**. Companhia das Letras, 2022.

BISPO DOS SANTOS, A. **A terra dá, a terra quer**. São Paulo-SP: Ubu Editora; Piseagrama, 2023.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa**. 2. ed. Uberlândia: EDUFU, 2015.

COSTA, R. R. S.; FONSECA, A. B.. Análise das práticas pedagógicas o processo educativo do jongo no quilombo machadinho: oralidade, saber da experiência e identidade. **Revista Educação e Sociedade**, v. 40, e0182040, 2019. DOI: 10.1590/ES0101-73302019182040 » <https://doi.org/10.1590/ES0101-73302019182040>

FAIRCLOUGH, N.; MELO, I. F. de. Análise Crítica do Discurso como método em pesquisa social científica. **Linha D'Água**, v. 25, n. 2, p. 307-329, 2012. <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v25i2p307-329>.

FAIRCLOUGH, N.; WODAK, R. Critical Discourse Analysis. In: VAN DIJK, T. (Ed.).



**Discourse Studies: A Multidisciplinary Introduction.** 2. ed. Sage, 1997. p. 258-284.

FERREIRA, J.; FELICIO, E. **Por Terra e Território:** caminhos da revolução dos povos no Brasil. Arataca-BA: Teia dos Povos, 2021.

GOMES, N. L. **O movimento negro educador:** saberes construídos na luta por emancipação. Vozes, 2017.

GUDYNAS, E. **Direitos da Natureza:** Ética, biocêntrica e políticas ambientais. Tradução de Igor Ojeda. São Paulo-SP: Elefante, 2019.

hooks, b. **Ensinando a transgredir:** a educação como prática da liberdade. Tradução de M. B. Cippola. WMF Martins Fontes, 2017.

LACERDA, N. F. Educação para emancipação: O território quilombola como “lugar de memória” e identidade étnico-cultural. **Mosaico**, v. 12, n. 18, 2020.  
<https://doi.org/10.12660/rm.v12n18.2020.81433>.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde.** 14. ed. São Paulo-SP: Hucitec-Abrasco, 2014.

MONTERO, P. Religião, Pluralismo e Espaço Público no Brasil. **Revista Novos Estudos**, São Paulo, CEBRAP, n.74, p. 47- 65, 2006.

OLIVEIRA, P. S. D. et al. Itinerários terapêuticos de mulheres quilombolas do norte de Minas Gerais, Brasil. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 29, n. 3, p. e01762023, 2024.  
<https://doi.org/10.1590/1413-81232024293.01762023>.

OLIVEIRA, Y. M. C.; BRINDEIRO, F. O. S. **As leis 10.639/2003 e 11.645/2008 e o ensino de geografia: desafios na formação e prática do professor.** VI Congresso Nacional de Educação, Fortaleza, CE, Brasil, 2019. <https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/59233>.

POPE, C.; MAYS, N. **Pesquisa qualitativa na atenção à saúde.** 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

RIBEIRO, J.; SOUZA, F. N. de; LOBÃO, C. Editorial: Saturação da Análise na Investigação Qualitativa: Quando Parar de Recolher Dados? **Revista Pesquisa Qualitativa**, v. 6, n. 10, p. iii-vii, 2018. <https://editora.sepq.org.br/rpq/article/view/213>.

SACRAMENTO, E. C. **Da Diáspora negra ao território de terra e águas:** Ancestralidade e protagonismo de mulheres na Comunidade Pesqueira e Quilombola Conceição de Salinas-BA. Curitiba-PR: Appris, 2022.

SAMPIERE, R.; COLLADO, C.; LUCIO, M. **Definições dos enfoques quantitativo e qualitativo, suas semelhanças e diferenças.** Porto Alegre, RS: Penso, 2013.

SANTOS, A. N. S.; NASCIMENTO, E. R. Proposições de cuidado cultural à enfermagem frente a aspectos da saúde reprodutiva de mulheres quilombolas. **Revista Baiana de Enfermagem**, v. 33, p. 1-15, 2019. <https://doi.org/10.18471/rbe.v33.33375>.



SANTOS, J.; SOUSA, L. M. Guardiões da memória: um estudo na Serra do Evaristo sobre os aspectos semelhantes entre cultura africana e brasileira. **Revista Brasileira de Meio Ambiente**, v. 8, n. 4, p. 14-22, 2020.

<https://revistabrasileirademeioambiente.com/index.php/RVBMA/article/view/492>.

SELIESTER-GOMES, M.; QUATRIN-Casarin, E.; DUARTE, G. O conhecimento situado e a pesquisa-ação como metodologias feministas e decoloniais: um Estudo Bibliométrico.

**Revista CS**, n. 29, p. 47-72, 2019. <https://doi.org/10.18046/recs.i29.3186>.

SILVA, Givânia M.; SOUZA, Bárbara O. Quilombos e a luta contra o racismo no contexto da pandemia. **Boletim de Análise Político-Institucional**, Brasília, n. 26, 2021. Disponível em: [https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10529/1/BAPI\\_26\\_QuilombosLuta.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10529/1/BAPI_26_QuilombosLuta.pdf)

Acesso em: 29 jan. 2024.

[https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10529/1/BAPI\\_26\\_QuilombosLuta.pdf](https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10529/1/BAPI_26_QuilombosLuta.pdf)

SOARES, Maria R. P. Territórios insurgentes: a tecitura das lutas e das resistências de mulheres quilombolas. **Revista Katalisys**, Florianópolis, v. 24, n. 3, p. 522-531, 2021.

<https://doi.org/10.1590/1982-0259.2021.e79280>. Disponível em:

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/katalysis/article/view/79280/47388> Acesso em: 28 fev. 2024.

VAN DIJK, T. A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

## HISTÓRICO

**Submetido:** 31 de março de 2024.

**Aprovado:** 31 de julho de 2024.

**Publicado:** 31 de dezembro de 2024

## DADOS DO(S) AUTOR(ES)

### Juliana Murta de Lima

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Doutoranda em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

**ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-0843-9371>.

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/7170381490709381>.

**E-mail:** [julianamurtadelima@gmail.com](mailto:julianamurtadelima@gmail.com).

### Raimundo Nonato de Lima

Mestre em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará (PPGLIN-UFC). Doutorando em Linguística (PPGLIN-UFC). Professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Ceará.

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0007-6047-6069>

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/9459312785056796>.

**E-mail:** [nonatolima@ufc.br](mailto:nonatolima@ufc.br).

### James Ferreira Moura Júnior

Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professor da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB) e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, Redenção, Ceará, Brasil.

**ORCID:** <http://orcid.org/0000-0003-0595-5861>.

**Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5780365767580771>.

**E-mail:** [james.mourajr@unilab.edu.br](mailto:james.mourajr@unilab.edu.br).

### Camila Ricarte Dantas Carvalho

Mestre em Humanidades pela Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira - Unilab. Professora da Educação Básica em Pacatuba, Ceará, Brasil Endereço para correspondência: Av. Visconde do Rio Branco, 2858,



Fátima, Fortaleza, Ce. CEP: 60055364.

**ORCID:** <https://orcid.org/0009-0000-0539-5505>.

**Lattes:** <https://lattes.cnpq.br/7984695412060142>.

**E-mail:** [camilaricarte753@gmail.com](mailto:camilaricarte753@gmail.com).

**COMO CITAR O ARTIGO - ABNT**

LIMA, J. M.; LIMA, R. N.; MOURA JÚNIOR, J. F.; CARVALHO, C, R. D. "Toda mulher negra é um quilombo": protagonismo feminino na Comunidade Quilombola Serra do Evaristo (Ceará - Brasil). **Revista GeoUECE**, Fortaleza (CE), v. 13, n. 25, e212795, 2024.